

ONDE ESTÁ A CHAVE?¹

Marina Colasanti²

Resumo: Este texto, enviado pela autora para publicação, indaga sobre a chave para a indicação de uma lista de livros capaz de seduzir os jovens para a leitura e para uma formação literária e cultural de qualidade, não restrita aos clássicos. Para responder a esta complexa pergunta, a autora lança mão de relatos de memórias de autores renomados sobre os livros que os marcaram. Ela apresenta, com delicadeza e propriedade, a dificuldade que é, para qualquer pessoa, selecionar os melhores livros, considerando que as escolhas (mesmo as indicadas por motivos racionais ou legitimados socialmente) se amalgamam com a história e o percurso de cada um, estando plenas de uma carga afetiva associada à emoção da primeira leitura e ao encontro imprevisível com os questionamentos interiores do leitor e com as respostas cifradas que ele recebe de um livro: uma fulguração.

Palavras-chave: leitura; literatura; leitores; livros; formação literária de leitores

Where is the key?

Abstract: This text, sent by the author for publication, questions on the key to recommending a list of books capable of both seducing young people into reading and attracting them to a quality literature and cultural education, not restricted to the classics. To answer this complex question, the author has made use of reports by renowned authors about the books that had marked them. With delicacy and propriety, she points out how difficult it is, for anyone, to select the best books, considering that the choices (even those indicated for rational or socially legitimated reasons) blend with each person's history and path, and they are full of affective content associated with the emotion of the first reading and the unpredictable encounter with the readers' inner questions as well as with the ciphered answers they obtain from a book: a fulguration.

Keywords: reading; literature; readers; books; literary education of readers

Inclusão é uma palavra que, de tanto uso, já pronunciamos quase sem refletir, como tudo o que é íntimo. No entanto, é uma palavra ampla, uma palavra que se desdobra e à qual chegamos através de muitas portas. Chega-se à inclusão através da saúde, da cultura, da economia. Chega-se pela política e pela religião. Pela compaixão e pela necessidade. Nós, os que acreditamos na força dos livros,

¹ Conferência proferida em Lima (Peru), em 2012. Texto original enviado, na forma digitada, pela autora, para publicação em 22.02.2023.

² Jornalista, artista plástica, tradutora, autora de mais de 70 livros de literatura. Recebeu diversos prêmios, entre os quais: Jabuti - 1993, 1994, 1997, 2010, 2011 e 2014; FNLIJ, 1978; Prêmio Portugal Telecom, em 2011; Prêmio Machado de Assis - ABL, 2023.

tentamos alcançá-la através da leitura. Mas a palavra leitura também é uma porta que se desdobra. E é dela que vamos tratar.

Em tantos anos de profissão, através de tantos debates, palestras, encontros, uma pergunta me persegue como um apelo - a mim e a tantos como eu : “Como seduzir os jovens para a leitura?”. Ou, de forma mais direta: “Que livros escolher, para seduzir os jovens para a leitura?” Pede-se uma chave, que venha, de preferência, acompanhada por uma lista de títulos.

Ganhei recentemente um livro muito bem realizado e extremamente útil: “1001 Livros de Literatura Infantil que é Necessário Ler Antes de Crescer”³, de Quentin Blake e Julia Eccleshare. Evidentemente, é um título jocoso, sem qualquer pretensão de realismo, já que obrigaria as crianças a lerem cerca de 100 livros por ano. O título por trás do título, ou seja, aquele que revela a intenção dos dois autores ao copilar o livro, seria mais ou menos assim: “1001 Livros de Literatura Infantil que o pesquisador da área não pode ignorar, e adorariamos que fossem levados em consideração pelos professores.”. Entretanto, fornecer o título desse livro como resposta à pergunta fatídica não resolveria a questão. E não resolveria a questão porque, buscando a completude, a lista é extensa e, sendo extensa, não pode ser adotada inteira e, não podendo ser adotada inteira, obrigaria, de qualquer modo, a escolhas pessoais. Se, nesse nosso mundo de comunicação irrestrita e instantânea, listas de títulos, ainda que básicas, fossem a solução, a pergunta teria deixado de ser repetida após a chegada da internet. Até aqueles que pedem uma lista como quem pede um milagre sabem, no fundo, que o caminho não é esse. Todos nós, dentro e fora da sala de aula, com ou sem filhos, sabemos que o mesmo livro pode ser fascinante para um jovem leitor e totalmente desinteressante para o outro. Vindos do mesmo meio social, sentados lado a lado na mesma sala de aula, vestidos de forma tão semelhante, os jovens percorrem de maneira bem diferente o percurso interior do seu crescimento. E os apelos capazes de intervir nesse percurso são individuais e imperscrutáveis.

Luiz Schwarcz é um importante editor brasileiro, diretor e fundador da casa editorial Companhia das Letras. O primeiro livro que editou, como jovem recém formado trabalhando em uma das mais prestigiosas editoras da época, a Brasiliense, foi uma coletânea de contos do escritor Lima Barreto. É certo que Schwarcz, desejoso de acertar, tenha sopesado muito essa primeira escolha. Entretanto, mais do que a razão, fatores internos e distantes o conduziram a esse

³ Obra sem tradução em português.

autor, pardo, libertário e controvertido do princípio do século. Schwarcz tinha apenas 12 anos quando um professor, em sala de aula, leu uma parte de um conto e, sem dar o nome do autor, fechou o livro abruptamente, avisando que continuaria a leitura no dia seguinte. Disse Schwarcz em recente entrevista: “e eu não consegui fazer nada até ele terminar, na outra aula. Era *A Nova Califórnia*, de Lima Barreto”.

Dickens manteve viva durante toda a vida sua paixão pelos contos de fadas ouvidos na infância e reconhecia que essas narrativas haviam sido importantíssimas na formação da sua criatividade. Dizia que Chapeuzinho Vermelho havia sido seu primeiro amor, e que se tivesse podido casar com ela teria alcançado a felicidade perfeita.

García Márquez era criança e havia acabado de aprender a ler, quando encontrou em um depósito da sua casa, dentro de um baú, um livro descosido e incompleto. O livro o absorveu totalmente. Só vários anos depois soube que era *As Mil e Uma Noites*. Conta ele em suas memórias: “O conto de que mais gostei - um dos mais curtos e simples que jamais li - continuou parecendo-me o melhor pelo resto da minha vida”.

Os pais do filósofo francês Michel Onfray não liam, eram pobres demais. Só havia dois livros em sua casa, um do pai, a história da aldeia em que viviam, e outro da mãe, o de receitas. E então Michel foi mandado para o internato. Um internato áspero, em que a leitura se tornou sua única porta de fuga. A biblioteca dos padres salesianos era disparatada, mas ali ele encontrou Thor Heyerdahl e seu *Expedição Kon Tiki*. Depois, em um sábado à tarde, enquanto os outros alunos haviam voltado para casa, devorou, “retendo o fôlego”, *O velho e o Mar*. Cito o que ele diz a respeito: “depois dessa viagem em alto mar com Hemingway, encomendei ao almoxarifado, como o chamávamos, um caderninho de capa amarela. E ali escrevi o meu primeiro texto”.

O historiador Jacques Le Goff escolheu seu destino ao ler, na infância, um livro de Sir Walter Scott. Seduzido pelo mundo que o autor lhe oferecia, decidiu que nunca mais o deixaria. E foi na perseguição desse desejo que se tornou o maior medievalista da atualidade.

E cito um trecho de entrevista do meu amigo Francisco Inojosa, o escritor mexicano que todos conhecemos: “Uma vez li uns livros que meu irmão me emprestou. Se chamavam *As Histórias dos Sete Segredos*. Gostei. Foi uma experiência isolada. Lia o que tinha que ler como tarefa escolar, mas não por

vontade própria. Minha infância literária - não a cronológica - começou com *A Metamorfose* e *O Castelo*, de Kafka, *A Divina Comédia*. E *Crime e Castigo*. Isso foi aos 16 anos”.

Poderíamos continuar porque os exemplos são infindáveis, e sempre interessantes, mas acho que o que temos já nos basta. E o que temos? Temos relatos de fulgurações. Em algum momento, e sem aviso prévio, um livro diz a um jovem leitor coisas que nenhum outro livro lhe havia dito antes, com uma intensidade que provavelmente não se repetirá. Que coisas são essas, o leitor não sabe. Não creio que, aos 12 anos, Luiz Schwarcz tivesse condições de saber por que a leitura de uma parte do conto *A Nova Califórnia* o deixou tão em suspenso, a ponto de nada conseguir fazer até o dia seguinte, quando lhe foi entregue a parte que faltava. Talvez, ao editar a coletânea, tenha reconhecido nessa história do novo morador de uma cidade do interior que afirma saber transformar ossos humanos em ouro e que, com essa informação, transforma em lama o caráter dos habitantes, uma boa bússola para o jovem certamente ambicioso que era. Mas agora o conhecimento se dava através da razão, e não daquela emoção primeira que o havia tocado.

O leitor jovem sequer se pergunta qual o motivo de tanta emoção. Ainda não está na idade dos grandes questionamentos internos e, quase automaticamente, atribui a emoção à história que lhe foi narrada, às personagens. No entanto, é quase certo que aquela mesma história já tenha sido lida por milhares, às vezes milhões de pessoas, e o venha a ser por outras tantas, provocando prazer, contentamento, mas sem abrir no peito de todos os leitores a mesma brecha que abriu no seu. Só para ele, só para o indivíduo que ele é no exato momento da leitura, a narrativa se acende súbita, invadindo-o com a força de uma transfusão. Sangue alheio é injetado em suas veias, e se faz seu para sempre.

Por que razão Dickens foi tomado de amor por Chapeuzinho Vermelho, quando a quase totalidade dos meninos, e também das meninas, se interessaram muito mais pelo lobo? Não sabemos. Assim como não sabemos se ele tentou, em algum ponto da sua vida, responder a essa pergunta. Mas podemos ler sua declaração como uma metáfora, mais ligada ao amor pelos contos de fada, do que pela sua mais famosa personagem. O que é fato é que nunca mais se afastou daqueles bosques ou daquelas ruas onde a ameaça espreita crianças sós e desamparadas, crianças semelhantes à criança que ele próprio havia sido, trabalhando na infância para sustentar os irmãos enquanto os pais estavam na

cadeia, presos por dívidas. Lobos humanos rosnam nas histórias de Dickens disfarçados às vezes sob falsa bondade. Mas ele, o autor, está lá para defendê-las e para salvá-las ao final.

O leitor jovem não tem como individuar a chave mestra que o galvanizou, simplesmente porque ainda não se tornou um leitor pleno. E ao dizer leitor pleno não estou apenas me referindo a livros, estou falando em leitura no seu sentido mais amplo, aquele que mais nos interessa e que conduz à inclusão: leitura da vida. Não teve tempo, ainda, para desenvolver aqueles conhecimentos da alma humana que, mais adiante, lhe permitirão analisar seu sentir. Um jovem especialmente sensível poderá, sim, estar debruçado, quase ansioso, sobre suas emoções. Mas sem experiência que lhe sirva de balizamento, o mais provável é que tateie às cegas, dominado por forças que não entende, ou que entende de maneira equivocada.

Da mesma forma, e pelas mesmas razões, não está pronto para detectar de forma consciente aquilo que o inconsciente capta, dito não nas palavras, mas por trás delas. Faltam-lhe ferramentas leitoras.

Ora, é justamente o encontro desses dois discursos para ele indecifráveis - o que é ditado por seu momento interior, e aquele que é emitido tanto pelo consciente quanto pelo inconsciente do autor - que dispara o processo de galvanização. Ele sofrerá o processo sem entender seu mecanismo.

Pensemos em Michel Onfray, pelo puro exercício de pensar e sem qualquer pretensão de acerto. É um jovem de origem muito humilde, carente e solitário, trancado em um ambiente hostil onde - como em qualquer colégio religioso daquela época - tentam convencê-lo de que só poderá ter êxito na vida através da aceitação e da obediência, do respeito às normas e à hierarquia. É como se lhe dissessem que seu lugar no mundo já está marcado, mesmo não sendo dos melhores. E de repente, em um sábado em que sua solidão e seu abandono parecem ainda maiores “pois os outros alunos haviam voltado para casa”, ele se faz ao largo com um velho marinheiro. O mar já era seu conhecido da leitura do *Kon Tiki*, mas tratava-se de um mar grandioso, um mar que retomava aventuras vikings já vitoriosas no passado. Dessa vez, com Hemingway, ele está em um barco pobre, como pobre é a sua própria casa, acompanhando um velho, debaixo de um sol abrasador. E uma batalha começa. Sob os olhos do menino, o velho se defronta, em longa disputa, com um peixe enorme, superior a suas forças. O pobre, o fraco, o solitário enfrenta e afinal vence o forte, o senhor

do seu ambiente. As hierarquias, as normas, a submissão que ele havia sido treinado para colocar em primeiro lugar, cedem lugar à pulsão individual, à determinação, à busca da vitória. A mesma adrenalina que impulsiona o velho jorra no organismo do pequeno leitor. E enquanto o seu consciente lê uma história de pesca, seu inconsciente recebe a mensagem que mais precisava naquele momento, a mensagem libertadora que lhe abre as portas da repressão e lhe diz: você também pode. No dia seguinte, ele pede no almoxarifado o caderno em que escreverá seu primeiro texto e marca o início de sua subida.

Eu também, na primeira juventude, li *O Velho e o Mar*, como tantos da minha geração. Gostei muito, mas não foi um livro que deixasse marcas em minha vida. Jovem que havia crescido em uma guerra, preferi, do mesmo autor, *Por Quem os Sinos Dobram*. E sendo de família libertária por natureza, criada em trânsito entre um país e outro, a mensagem de libertação que foi vital para Onfray resultou desnecessária para mim, e não estendi a mão para colhê-la.

É quando o encontro se dá que o livro se torna modificador. Mas é impossível prever qual livro, e em que momento, acenderá todos os watts na alma do leitor.

Podemos considerar quase certo que, se Onfray não tivesse lido *O Velho e o Mar* naquele sábado no internato, mas alguns anos depois, com sua vida já encaminhada, talvez em outra direção, a iluminação não teria se produzido. Assim como é certo que, relendo o mesmo livro ou partes do mesmo livro tempos mais tarde, um sentimento de ternura embalado pela lembrança de si mesmo menino, tenha substituído no seu eu leitor a adrenalina que o abalara naquele dia longínquo.

O momento do encontro é imprevisível. Francisco Inojosa nos conta que a vida fez passar vários livros pelas suas mãos na infância e na adolescência. Livros aconselhados pelo irmão, portanto de um gosto que podemos imaginar semelhante ao dele, ou pela escola, que é lícito considerar de justa qualidade literária. Tudo nos leva a crer que fossem bons livros. E, no entanto, com nenhum deles se estabeleceu o diálogo, nenhum teve aderência. É com Kafka que a fulguração se dá. No momento em que, aos 16 anos, Francisco está se mudando da adolescência para a juventude, Kafka lhe fala de metamorfose. No momento em que ele se prepara para entrar no castelo do mundo adulto, Kafka lhe fala de portões fechados e abertos, da coragem necessária para ultrapassar

impedimentos, da relutância em entrar. Kafka responde, metaforicamente, as suas questões mais prementes. É uma revelação.

É possível que Francisco, tomando conhecimento dessas minhas elocubrações, discorde frontalmente. Mas a minha pretensão não é fazer uma análise da pessoa Francisco Inojosa, e sim ver como, do encontro entre os questionamentos interiores do leitor com as respostas cifradas que ele recebe de um livro, faz-se a centelha.

Suspeito que a fulguração intensa seja mais comum aos jovens, e pouco encontrada entre os pequeníssimos leitores. Pelo menos, não tenho me deparado com testemunhos desse tipo. Deveríamos, na verdade, perguntar isso a minha maravilhosa amiga, a escritora colombiana Yolanda Reyes, que em sua bebeteca de Bogotá trabalha com os minúsculos, de 12 meses a quatro anos. Ela teria, provavelmente, relatos surpreendentes a nos fazer. Mas arrisco um palpite pelo qual talvez venha a ser apedrejada pelos profissionais da área: as crianças bem pequenas são tão solicitadas pela necessidade de apreensão do mundo circundante, estão tão lançadas para a frente, que ainda não questionam seu eu interior. São, sim, - e quanto! - capazes de se emocionar com as leituras que os mais velhos fazem para elas e de absorvê-las; todos nós sabemos a força do impacto causado pelos contos de fadas, e tanto Freud quanto Jung se debruçaram sobre seu efeito na psique infantil. Mas, mesmo sendo uma emoção intensa e estruturante, não é daquelas que constituem uma fulguração, não chega a ditar o rumo de vidas em que ainda estão engatinhando.

Um outro fato me chama a atenção. Nem sempre - aliás, raramente - a fulguração ocorre com livros da literatura infantojuvenil. Os exemplos que citei acima nos dão uma boa amostragem disso.

García Marquez tinha acabado de aprender a ler pelo método Montessori - antes disso o aprendizado da leitura parecia-lhe impossível - quando encontrou no baú e leu *As Mil e Uma Noites*. Era, portanto, bem criança. E, embora tantos dos contos de *As Mil e Uma Noites* tenham sido adaptados para a infância, este não é um livro infantil, é um dos livros mestres da literatura universal.

Se nos limitarmos à história, *O Velho e o Mar* pode até ser considerado um livro de aventura; afinal, todo o enredo se desenvolve ao redor de um intenso duelo. Mas, certamente, não é um livro infantil. E tampouco foram concebidos para crianças os romances históricos de Sir Walter Scott. Não sabemos que idade tinha Dickens quando se deparou com *Chapeuzinho Vermelho*, com os contos,

e se apaixonou por eles. Se os recebeu pequeno ainda, através da voz da mãe, ou se, quando maiorzinho, os descobriu na modestíssima biblioteca que seu pai guardava num quartinho. Mas não podemos esquecer que, justamente pela pluralidade de seus significados, os contos de fadas que tanto o marcaram são leituras para todas as idades.

É possível arriscar dois motivos para isso.

Primeiro motivo: a fulguração ocorre com mais frequência, ou pelo menos é vivida de forma mais consciente, na adolescência. Sei bem que essa categoria, adolescência, complicou-se muito, e já não temos nenhuma certeza de onde começa nem de onde acaba. Quem dita esses limites, em última análise, são os hormônios. Digamos, então, que é quando os hormônios começam a transbordar, que se dá, mais comumente, a fulguração. E nessa idade já não se estão lendo livros infantis.

Segundo motivo, encarando todos os riscos que essa afirmação acarreta: uma criança ou jovem pode ler muitos livros endereçados à sua faixa etária, sem que nenhum livro denso, carregado daquele *pathos* que lhe permitiria realizar um grande encontro, passe por suas mãos. E isso não exatamente por falta de bons escritores, nem por ausência de livros dessa magnitude, mas por uma preferência do mercado, que considera mais vendáveis os livros mais leves, e até mesmo por um equivocado sentimento de proteção, que faz com que muitos considerem mais adequados para esse público os livros menos capazes de provocar-lhe abalos emocionais.

Na busca de atração do jovem leitor, o mais comum é acreditar que a adesão a um livro se dá sobretudo através da identificação. E que, por sua vez, a identificação se dá sobretudo através da semelhança.

Esse ponto de vista conduz a uma estratégia perigosa e limitadora: fornecer a meninos pobres livros que retratam o universo da pobreza, a meninos negros livros sobre a negritude, e livros sobre a vida rural para filhos de agricultores.

Como leitora que fui e como autora que sou, me permito discordar. Nada me levaria, menina nascida na África, crescendo na Itália em plena Segunda Grande Guerra, a me identificar com os valorosos índios pele vermelha americanos, que descobria nos livros de Emilio Salgari. Mas porque esses livros eram tão apaixonantes, porque enchiam de intensidade vital dias que, sem eles, poderiam ter sido assustadores ou tristes, percorri o caminho da identificação ao

contrário. Tornei-me eu própria, uma indígena, única *squaw* do pequeníssimo povo chefiado por meu irmão, o louro Olhos de Águia. O nome que eu escolhi para mim até hoje me parece adequado. Eu fui, e sou, Sole Ridente.

Nunca fui lady, nunca fui menina nobre, mas chorei muito lendo e relendo *O Pequeno Lorde*, de Frances Hodgson Burnett. Nesse livro do fim do século XIX, eu poderia ter aprendido muito sobre intolerância, ou sobre os falsos valores dos aristocratas. Mas o mais provável é que, às vésperas de fazer o percurso oposto ao lado do menino lorde - ele deixa os Estados Unidos e vai viver na Europa, enquanto eu ia deixar a Europa para ir viver no Brasil - eu tenha vivenciado através dele os meus medos: medo do estranhamento a novos costumes, e medo dos preconceitos com que o estrangeiro, qualquer estrangeiro, é recebido em terra alheia.

Como poderiam meus pais, que cuidavam das minhas leituras, ter previsto de antemão os caminhos absolutamente diagonais através dos quais aqueles livros dialogaram tão intensamente comigo?

Da mesma forma, e segundo me relatou um agente de leitura amigo meu, tanto os pequenos indígenas das aldeias brasileiras, quanto os meninos de Angola - que ele foi encontrar para lá das terras minadas, estudando debaixo de árvores por falta de sala de aula - crianças de outra realidade, que nunca haviam visto um castelo ou nem sabiam o que fosse, que não sabiam o que fosse um príncipe, ou uma armadura, ou um veleiro, ou até mesmo um cavalo, se encantaram com meus contos de fadas cheios dessas personagens e desses elementos para eles tão distantes.

A identificação não se faz em linha reta, não é algo simétrico com que possamos contar de antemão, pois a verdadeira identificação não se estabelece com aquilo que é visível, com a parte exterior do corpo ou com a parte mais óbvia do entorno, e sim com aquilo que o interior de cada um colheu secretamente do entorno e retrabalhou dentro de si, adaptando-o às suas necessidades internas, àquelas necessidades que não são apenas conjunturais, mas decorrentes da química e da fisiologia individuais, ligadas à psique e à essência de cada um.

A magia da leitura, e sua força maior, é exatamente essa capacidade de dialogar com a parte mais secreta do ser. Mas é isso, também, que torna tão difícil, e tão preciosa, a escolha dos livros a oferecer. E é esta a razão pela qual as listas, todas as listas, naufragam.

Já é tão difícil para um adulto compreender a necessidade leitora de um pequeno ou de um jovem, quanto mais tentar atendê-la através de uma lista. E, sobretudo, através de uma lista elaborada fora do contexto em que o leitor se encontra, por alguém que, embora sério e conhecedor do seu ofício, está distante, impossibilitado de debruçar-se sobre o jovem que percorre as palavras, e de captar a vibração que ele emite.

A inclusão através da leitura se dá quando o leitor se completa, e não apenas quando ele completa a leitura de um livro. Ler um livro inteiro de forma ligeira ou para cumprir uma tarefa, pouco acrescenta além de um avanço no letramento. Mas um livro lido com paixão, aquela paixão leitora que nos faz querer devorar tudo de uma vez, maximizando o prazer, ao mesmo tempo em que nos leva a querer ler devagar para prolongar ao máximo esse mesmo prazer, nos leva um passo adiante na vida.

Falei de chave, no título, e acabei sem dá-la. Na verdade, minha intenção nunca foi dar uma chave que não tenho, e sim, procurá-la junto com vocês. Não temos a chave, porque por sua própria natureza uma chave serve para uma única porta. E a leitura, como foi dito acima, tem muitas. Temos, porém, uma espécie de *passé-partout* que abre todas: a boa qualidade literária.

Todos os livros que nomeei enquanto analisávamos a fulguração, são obras de valor reconhecido. Não me entendam mal. Falar de boa qualidade literária não nos restringe aos clássicos. Ela brota todos os dias do imaginário e do talento de tantos escritores, e está lá, nas livrarias, em meio ao grande lixo editorial. Cabe a nós estar atento a ela, e escolhê-la, por vezes, entre ofertas mais visíveis e mais fáceis, para oferecê-la aos jovens e às crianças. A boa qualidade literária não garante a fulguração. Mas a má qualidade literária, que não emite nenhuma luz, é garantia de escuridão.

Recebido em 08/04/2023

Aprovado em 11/07/2023